

Título da resenha: Lou Andreas-Salomé: contornos possíveis de uma pensadora da totalidade

Resenha de Lou Andreas-Salomé, *Sobre o tipo feminino e outros textos*, São Paulo, Blucher, 2022, 296 p. (Pequena biblioteca invulgar).

18083 caracteres.

Lou Andreas-Salomé; Totalidade; Erotismo; Feminino; Narcisismo.

Nós, que estamos durante toda a nossa vida, encerrados em nós mesmos, por uma parte, e que devemos, por outra, integrar essa massa que nos engloba, a nós e ao mundo exterior, porque ela é constituída da mesma matéria que nós; nós, portanto, que vemos necessariamente se entrecruzarem os processos de separação e de união, numa contradição perpétua. Essa associação indissolúvel não é ela posta no mundo com a criança, desde o primeiro dia de sua vida?

*Lou Andreas-Salomé*¹

Não posso deixar de tomar como ponto de partida para a escrita desta resenha o sentimento de hesitação com o qual me deparei após a leitura e, principalmente, a releitura dos textos reunidos de Lou Andreas-Salomé. Como transmitir ao leitor algo dessas obras, de um modo suficientemente ordenado e capaz de indicar o que me pareceu fundamental em cada uma delas, diante de uma escrita tão fluida e fértil, ao mesmo tempo que conceitual e precisa? Só depois pude nomear uma das razões à qual atribuí tal sensação de embaraço, ao visitar a vasta correspondência entre Sigmund Freud e essa mulher, escritora de tantos ensaios, estudos críticos e ficções, poetisa e psicanalista. O criador da psicanálise, que não escondia sua admiração pelo talento de Lou, com quem mantinha uma relação não apenas intelectual, mas também de afeto e confiança, sinalizou uma característica fundamental do pensamento da autora nessas cartas, em mais de uma ocasião. Destaco uma delas, em julho de 1917, na qual Lou envia a Freud, como de costume, seus próprios comentários sobre um dos trabalhos do autor, junto ao pedido de que ele os devolva, talvez com a afirmação de que estão corretos ou com interrogações onde julgar necessário. Então recebe dele a seguinte resposta:

Sou forçado a desapontá-la. Não vou dizer ‘sim’ ou ‘não’, nem colocar pontos de interrogação, mas fazer o que sempre fiz com seus comentários: deleitar-me com eles e deixar que exerçam seu efeito sobre mim. *Eles tornam evidente como a senhora se antecipa e me complementa a cada vez, como luta profeticamente para unir meus fragmentos num todo estrutural.*²

Para Freud, Lou apresentava a capacidade de sintetizar aquilo que ele se esforçava por separar em elementos, habilidade que não deixou de exaltar com o passar do tempo, como também atestam as palavras do autor em outra carta dirigida a ela, em março de 1922: “Sempre que eu dissequei as coisas de uma maneira um tanto crua, você foi capaz de indicar a origem comum dos vários elementos,

1 L. Andreas-Salomé, *Carta aberta a Freud*, São Paulo, Landy, 2001, p. 53.

2 J. Salomão (org.), *Freud – Lou Andreas-Salomé: Correspondência completa*. Rio de Janeiro, Imago, 1975, p. 86 (grifos meus).

e, logo, de sintetizá-los novamente.”³ Desse modo, a apreciação freudiana a respeito do modo de exposição de Lou ajudou-me a reconhecer porque, ao ler pela segunda vez os ensaios cuidadosamente traduzidos por Renata Dias Mundt para a série *Pequena biblioteca invulgar*, julguei ainda mais difícil escolher os pontos que traria para a apresentação de seus textos. Trata-se do desafio de realçar determinados aspectos em uma escrita que se esforça por costurar os múltiplos elementos em uma totalidade, como em um quadro em que a sobreposição de cores impossibilita sua separação, na medida em que se criam novos tons a partir dessa mistura.

Tal apreço pela síntese talvez possa ser remetido a traços da biografia de Lou, dada a complexidade de suas experiências de vida, atravessadas por variadas influências culturais e intelectuais, e por diversas relações eróticas intensas, considerando o erotismo em um dos sentidos que a própria autora confere a ele, como uma força vital que se amplia cada vez mais, conforme vemos em um de seus artigos presentes no livro em questão. Antes de mergulhar nas obras de sua autoria, o leitor conta ainda com a tradução do excelente artigo de Cornelia Pechota, intitulado *Lou Andreas-Salomé: pioneira da Modernidade*, publicado originalmente em 2020, que mostra os aspectos mais relevantes de sua história. Nele podemos acompanhar a construção de sua subjetividade e a influência mútua entre Lou e personalidades com quem conviveu, cenário que reverbera na publicação de seus mais de 130 ensaios e críticas, incluindo obras literárias e um escrito autobiográfico póstumo, nomeado *Retrospectiva de vida*.

Para recuperar alguns dados indispensáveis, Louise Salomé nasceu em São Petersburgo, na Rússia, no ano de 1861, e morreu em 1937, em Göttingen, na Alemanha. Era a única filha da mãe “alemã-dinamarquesa” e do pai de “ascendência francesa”(pp. 15-16); passou a infância na Rússia, com seus três irmãos. Iniciou seus estudos com Hendrik Gillot, mentor de quem se desligou após um pedido de casamento não aceito por ela. Continuou sua formação intelectual na Universidade de Zurique, para onde partiu em 1880, mas de onde precisou se retirar por motivos de saúde pouco tempo depois. Nos anos que se seguem, imersa no ambiente intelectual europeu, conheceu intimamente alguns nomes que são frequentemente associados a ela, dentre os quais se destacam Friedrich Nietzsche, Rainer Maria Rilke e Sigmund Freud. Entre cortejos não correspondidos de alguns desses homens e outros com quem compartilhou períodos de sua vida; um “casamento platônico” com Friedrich Carl Andreas, que durou até a morte deste; e relações sensuais com outras figuras, acabou por alçar uma posição de “musa, amiga ou amante”⁴, e por desenvolver um pensamento próprio cujo reconhecimento foi dificultado pela sombra de tais homens. A meu ver, um dos maiores méritos do

3 J. Salomão (org.), *op. cit.*, p. 152.

4 C. Pechota, *op. cit.*, p. 47.

texto de Pechota consiste, justamente, em conceder o devido peso a Lou enquanto pensadora com um estilo próprio, como pioneira da Modernidade.

Ter isso em vista prepara o leitor para a apreciação dos quatro textos subsequentes da autora, reunidos no livro: *O erotismo* (1910), *Sobre o tipo feminino* (1914), *Anal e sexual* (1916) e *Psicossexualidade* (1917). Os três últimos escritos se localizam no período posterior ao primeiro encontro de Lou com Freud, o que aconteceu quando ela tinha cinquenta anos, por intermédio de Poul Bjerre, neurologista que conheceu na Suécia e a acompanhou até o Congresso da Sociedade Internacional de Psicanálise ocorrido em Weimar, em 1911. Sua entrada no campo psicanalítico se concretizou logo depois, quando ela pede, em correspondência a Freud, que seja recebida em Viena, nas noites de Quarta-feira, obtendo uma resposta afirmativa. Seus estudos em contato direto com o criador da psicanálise nesta cidade perduram de outubro de 1912 a abril de 1913, mas seu encantamento pelo método se estende até seus últimos dias de vida. Em suas cartas, não é raro que sejam encontradas menções ao grande prazer que Lou sentia em sua atuação como psicanalista, como em agosto de 1923, quando Freud a repreende pelo excesso de trabalho, já que estava analisando dez horas por dia, e ela responde, tranquilizando-o: “Afinal, sou uma dessas pessoas raramente afortunadas que podem regozijar-se todos os dias por trabalhar exatamente naquilo que querem – e que mais se pode desejar?”⁵ Em 1931, em um texto dedicado a Freud, o qual ele pôde ler e elogiar abertamente em carta como “uma prova involuntária de sua superioridade sobre todos nós”⁶, Lou escreve: “esta realidade viva, consumada pelo senhor de uma vez por todas, tem permitido que [...] nós nos consagremos ao *mais belo dos ofícios*.”⁷ Como afirma Pechota: “A psicanálise, em direção à qual o seu pensamento e os seus escritos já avançavam há tempos, representaria para Lou uma reviravolta em sua vida” (p. 47).

Observar a presença da psicanálise mesmo antes do encontro com Freud serviu-me como orientador para a leitura de diversas passagens do artigo *O erotismo*, de 1910, algumas das quais serão expostas aqui. Em primeiro lugar, as considerações de Lou sobre o “violento valor vital” do erotismo, cuja base ela considera ser a sexualidade:

Assim, já o encontramos associado aos processos de nossa corporeidade que decorrem de forma quase puramente vegetativa, unindo-se intimamente a eles, e mesmo que ele não seja, como essas funções, pressuposto absoluto para a existência, exerce, no entanto, ainda a mais forte influência sobre elas. Assim, fica-lhe garantido, indestrutivelmente, mesmo em seus estágios e espécies mais elevados, até mesmo no auge dos mais complicados encantos amorosos, ainda algo dessa

5 J. Salomão, *op. cit.*, p. 167.

6 J. Salomão, *op. cit.*, p. 254.

7 L. Andreas-Salomé, *Carta aberta...*, p. 10 (grifos meus).

profunda e simples origem: algo dessa alegria benéfica que o corpóreo sente, no sentido específico de sua satisfação, como uma experiência sempre nova, jovem, como vida em seu sentido original. (pp. 69-70)

Tal imagem do erótico que povoa cada região do corpo enquanto este exerce suas funções ligadas à necessidade remeteu-me, quase instantaneamente, à noção de apoio freudiana, tão presente nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, desde sua primeira edição, em 1905. A sexualidade se apoia na realização das atividades que servem à sobrevivência e se manifesta como prazer à margem desses processos, adquirindo, posteriormente, a independência de buscar seus próprios caminhos para a satisfação⁸, como uma fagulha que se torna poderosa a ponto de causar um grande incêndio.

Outro trecho desse artigo que chamou-me a atenção pelo teor psicanalítico se encontra na discussão proposta por Lou acerca da forma “idealizada, velada” por meio da qual os amantes se veem, mediados pelo “delírio” (p. 81), responsável por sustentar o estado de embriaguez resultante do êxtase amoroso. Os enamorados se satisfazem com tal estado, experimentado em si mesmos, o que os torna incapazes de julgar objetivamente o objeto amado: “Caso eles, em vez disso, percebam a suspeita exaltação do outro de forma objetiva em excesso, logo dá-se então a conhecida queda abrupta das nuvens da adoração” (p. 78). No final das contas, o amante se deleita com a sensação de estar extasiado, mais do que com a pessoa do amante em si, e esse “egoísmo erótico” se mantém enquanto permaneça ativa, “como uma sombra dourada, a mais inacreditável construção fantasmática como mediadora entre ela e ele” (p. 79). A idealização do objeto sexual e a mediação da fantasia na satisfação da pulsão sexual nunca deixam de ocupar o rol de questões fundamentais para o problema do amor, a partir do ponto de vista da psicanálise.

Entre tantos pontos que saltaram aos meus olhos ainda em *O erotismo*, o último que realço consiste na relação entre o erotismo e a arte, explorada de modo perspicaz por Lou, entre os quais se estabelece um “parentesco de sangue” (p. 83). Ela consegue mostrar ao leitor o quanto os prazeres erótico e estético são capazes de se transformar um em outro, sem deixar de indicar suas especificidades. Passeamos por suas reflexões, entre expressões e termos que se intercambiam, como “fantasia artística” e “poesia do amor” (p. 85), ou ainda o “enamorado” e o “criador” (p. 87), os quais, com suas atividades idealizadoras e criativas, produzem suas obras – a obra artística e a obra do nascimento de um filho –. Mais uma vez, questões psicanalíticas de base se mostram presentes, no caso a relação entre a sexualidade, a fantasia e a criação artística.

8 Cf. S. Freud, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, 2016, p. 85.

A respeito dos ensaios escritos no período já propriamente psicanalítico de sua vida, escolho explorar brevemente três questões, mais uma vez procedendo a partir de uma separação artificial do tecido de cada texto, cujos fios foram fortemente atados por Lou. A primeira delas consiste na apresentação do feminino realizada pela autora em *Sobre o tipo feminino*. No já citado *Três ensaios...* de Freud, ele considera que a sexualidade infantil, após a puberdade, tende a adquirir novas características, a saber, a deixar o autoerotismo em direção ao encontro do objeto sexual e ter suas zonas erógenas reunidas sob o primado da zona genital, considerando a meta sexual reprodutiva. Já na edição de 1905 daquele trabalho, trata das diferenças desse percurso no homem e na mulher. Enquanto o menino experimenta um grande avanço da libido nessa transformação, a menina experimentará uma nova onda de recalque, que terá como alvo a sexualidade clitoridiana.⁹ Levando em conta que a zona erógena principal na criança do sexo feminino é o clitóris, será preciso que este ceda sua excitabilidade à vagina, o que Freud sustenta até seus escritos mais tardios, como em *Sobre a sexualidade feminina* (1931).¹⁰ Há “uma espécie de involução” no processo de tornar-se mulher¹¹, segundo o criador da psicanálise. Lou, ao interpretar essa tese freudiana, vê nesta involução, na verdade, uma oportunidade de expansão, “uma reconstituição do que existia antes em um nível mais elevado – como uma forma de evoluir a si, como uma forma de crescimento com a vida” (p. 145). Justifica sua posição desta maneira:

Pois justamente dentro da própria pulsão sexual, justamente como consequência de sua “emasculação” na mulher, ela também volta a se diferenciar, de outra forma, da agressividade da pulsão do eu, ganhando assim uma peculiaridade do desenvolvimento. O “feminino” [...] consegue realizar, justamente devido à sua reversão do sexual para si, o paradoxo de separar a sexualidade e a pulsão do eu ao uni-los. Portanto, ele é ambivalente onde o masculino permanece claramente agressivo; mas, em compensação, mais consistente onde a agressividade desenfreada deste último se divide em direções opostas como mais sexual ou mais relacionada ao eu.¹²

Dessa maneira, ao lançar-se novamente a si mesmo, o feminino preserva ambivalências e suporta contradições que são inacessíveis e intoleráveis ao masculino. Como comenta Nina Leite, em seu belo posfácio ao livro de Lou, esta aborda o tema da diferença sexual a partir de Freud, cujas teorias nesse campo são alvos de uma série de críticas, mas é preciso levar em conta que se trata da “escrita de uma mulher”, com sua interpretação singular, também resultante dessa condição (p. 270).

9 Cf. S. Freud, *Três ensaios...* 2016, p. 141.

10 Cf. S. Freud, *Sobre a sexualidade feminina*, 2010, p. 372.

11 S. Freud, *Três ensaios...*, 2016, p. 121.

12 L. Andreas-Salomé, *op. cit.*, p. 146.

Na conversa que Nina Leite propõe, de Lou com outra grande pensadora, Hélène Cixous, realça que são “duas mulheres que ousaram dar voz ao que não cabe na lógica masculina” (p. 282).

O segundo assunto que merece destaque são as considerações de Lou sobre o papel do recalçamento da sexualidade anal na constituição do eu. Em *Anal e sexual*, artigo citado por Freud mais de uma vez em sua obra¹³, a autora mostra a importância da renúncia à pulsão anal, imposta pelo mundo exterior à criança como a primeira proibição, o primeiro “eca!” que ela tem de introjetar e, portanto, o ponto de partida para a aprendizagem do nojo. Mais do que isso, revela como isso acontece “num período em que mal sabemos de nós; em que, de certa forma, ainda não existimos para nós” (p. 165), momento em que não há uma delimitação entre o interior e o exterior, entre as moções pulsionais e o seu entorno. Nesse sentido, ressalta que o ato contra si mesma que a criança precisa realizar, de dominar seu próprio impulso à satisfação por meio da zona erógena anal, tem consequências fundamentais, pois “o pequeno germe do eu se manifesta logo de início sob a pressão do ‘ascetismo’ que o eleva; de que é este ascetismo que diferencia, inconfundivelmente, seu crescimento incipiente dos estímulos pulsionais como tais que o envolvem” (p. 165). Trata-se de uma atividade muito primitiva de controle da pulsão por parte do eu, que se verá diante de tais conflitos entre as exigências internas e as imposições externas enquanto houver vida. Essa proibição do erótico anal, para Lou, teria a ver ainda com a questão de que nosso próprio corpo seja experimentado como exterior a nós, um diferente em nós, que “nunca será totalmente idêntico à pessoa como um todo, mas parecerá sempre algo que *está nela*” (p. 186). Trata-se “do corporal que aprendemos a rejeitar como o morto, como o não-nós, como o excremento” (p. 186).

Tal discussão me leva à terceira e última contribuição de Lou que chamou minha atenção nesses textos, mais especificamente em *Psicosssexualidade*. A autora parece cultivar um enorme interesse pela questão da unidade, que atravessa todos esses ensaios, desde a menção à “todunidade (*All-Eine*) que nós, no fundo, somos” (p. 97), ainda no texto de 1910, até o escrito mencionado acima, de 1917, onde encontramos expressões como “o milagre da existência em sua totalidade” (p. 260). E também afirmações como esta: “Na vivência primeva – na primeira unificação do mundo interior e exterior, que resulta na própria vida pessoal” (p. 233). Na minha leitura, esse interesse estaria por trás da importância que ela conferiu ao conceito freudiano de narcisismo. De volta a *Anal e sexual*, ao trazer a noção de narcisismo, Lou salienta os trechos do texto de Freud nos quais ele destaca que, no estado narcísico original, não é possível distinguir a libido, enquanto energia da pulsão sexual, de uma energia das pulsões do eu. Isso se tornaria possível apenas a partir do investimento de objeto.

13 Por exemplo, na conferência “A vida sexual humana”, de 1917. Cf. S. Freud, *Conferências introdutórias à psicanálise*, 2014, p. 418.

Nas palavras de Lou, o narcisismo “faz referência à obscura plenitude da reunião ainda não separada das pulsões sexuais e tendências egoicas, em vez de seu claro aguçamento em uma ação da consciência do eu” (p. 205). Além disso, ela reitera como a libido narcísica persiste mesmo diante dos investimentos de objeto e avança em sua interpretação de Freud, ao conceber que investir em objetos consiste em uma tentativa de atingir a unidade daquele estado primário: “sendo assim, o investimento do objeto é um meio para a *re*-unificação, como o estágio primevo correspondia a uma *ainda*-unidade; dentro dela estaria dada [...] um arrastar para dentro de si, um incorporar, ‘introjetar’ o mundo” (p. 206) Parece que, para Lou, tal unidade que o narcisismo traz à tona é essencial e determinante¹⁴, como vemos em uma nota de rodapé, desta vez em *Psicosexualidade*, na qual a autora discorre sobre este amor-próprio original, sobre a “fronteira das primeiras experiências após as quais nunca mais somos capazes de voltar a nos expandir amando, em uma totalidade que abraça o mundo, a não ser nos estados de exceção do êxtase sexual ou da criação intelectual” (nota 14 in p. 224).

Assim retornamos ao ponto de partida, já que nos deparamos mais uma vez com a relação entre Lou Andreas-Salomé e a síntese, a totalidade e a unidade, temas que atravessam seus estudos, que marcam sua forma de ser e de escrever e que tornam uma tarefa impossível abarcar tantas nuances de suas obras. Que seu pensamento e sua importância histórica, como mulher, como escritora e como psicanalista, possam ganhar ainda mais vida a partir da circulação desses ensaios.

14 Vale notar que Lou é inserida entre aqueles autores pós-freudianos que contribuíram para a evolução do conceito de narcisismo no livro de Paul Denis sobre o tema, ao lado de nomes como Balint, Green e Lacan. O autor chama a atenção, justamente, para a importância concedida por Lou a esse aspecto do narcisismo como reunificação com o todo do qual não era possível se separar no início da vida. Cf. P. Denis, *Le narcissisme*, Paris, PUF, 2012, pp. 80-82.

Referências Bibliográficas

Andreas-Salomé, L. (1931/2001). *Carta aberta a Freud*. 2ª ed. São Paulo: Landy.

Denis, P. (2012). *Le narcissisme*. Paris: Presses Universitaires de France.

Freud, S. (1905/2016). “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, in: *Obras completas de Sigmund Freud, volume 6*. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (1917/2014). “Conferência 20: A vida sexual humana”, in: *Obras completas de Sigmund Freud, volume 13*. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (1931/2010). “Sobre a sexualidade feminina”, in: *Obras completas de Sigmund Freud, volume 18*. São Paulo: Companhia das Letras.

Salomão, J. (org.) (1975). *Freud/ Lou Andreas-Salomé: Correspondência completa*. Rio de Janeiro: Imago.

Informações sobre a autora

Munique Gaio Filla. Psicóloga, psicanalista e doutora em Filosofia da Psicanálise pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos. Membro do Grupo de Trabalho de Filosofia e Psicanálise da ANPOF (Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia).

Avenida Savério Talarico, 140. Jardim Ricetti. 13570-090, São Carlos – São Paulo.

(19)992940783

muniquegf@gmail.com